

Editorial

A primeira parte da revista é constituída pelo Dossiê Imaginário Social e Educação, que foi organizado pela profa. Dra. Valeska Fortes de Oliveira, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) desde o ano de 1993 e pela profa. Dra. Lúcia Maria Vaz Peres, da Universidade de Pelotas (UFPel), vice-líder do GEPEIS e líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Imaginário e Memória (GEPIEM) desde o ano de 2000. Na segunda parte estão publicados textos nas sessões de Demanda Contínua e Resenha.

O filósofo Ernest Cassirer, na sua obra *Antropologia Filosófica* (1977), aponta para o homem como um animal simbólico, mostrando que a tradição o tem pensado como *homo rationale*, e sua proposição é que possamos pensá-lo como *homo symbolicus*. A capacidade de inventar, de transformar, de recriar outras formas, tomadas aqui em amplo sentido, inscrevem o homem e a mulher como seres capazes de criação histórica. A imaginação é tomada como poder que designa a autoconstituição do sujeito e o imaginário é o seu produto. Somos colocados no mundo e enraizados nas nossas sociedades como criadores de mitos, de ritos, de crenças, concepções, comportamentos, que nos configuram como sociais-anônimos e também nos singularizam como sujeitos históricos de um tempo e, muitas vezes, para além dele. Esta capacidade, colocada pela nossa imaginação, nos faz sonhar e movimentar nosso pensamento com aquilo que ainda não está feito, tomando de empréstimo um dos títulos de Cornelius Castoriadis (1999), *Feito e a ser feito*.

Na educação, o lugar da imaginação e das formas simbólicas do imaginário vêm crescendo embrionariamente, embora epistemologicamente consistente, a exemplo dos textos contidos no dossiê que trata sobre este tema. Nesse sentido, a temática do imaginário no campo da educação adveio de áreas afins como a Antropologia, a Sociologia, a Comunicação, entre outras. Aos poucos vimos ocupando um lugar, o território do simbólico nos estudos e pesquisas, mostrando que somos mais que materialidade condicionada pelos sistemas socioeconômicos e funcionalidades que respondem a uma dimensão apenas da existência.

Concordamos com a idéia defendida por Ítalo Calvino quando este afirma que somos uma combinação de experiências vividas e imaginárias. Em especial, ao narrarmos as histórias formativas evocamos e visibilizamos imagens, símbolos e mitos coletivos.

Quando falamos em imaginário logo vem a idéia do irreal, da fabulação, do sonho e da fantasia da criança e, não raras vezes, pensa-se em um tipo de abordagem “frouxa”. E não é nada disso, porque somente através dele é que reinventamos o que costumamos chamar de real. O modo espiritualizado e profundamente epistemológico, explicado por Machado da Silva (2003), deixa-nos claro o estatuto do imaginário. Diz este autor: “Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal” (p. 6).

Podemos dizer que os estudos do imaginário apresentam-se, dentro de um quadro epistemológico, como uma nova ou outra lógica na qual diferentes formas de entendimento serão acionadas a partir das lentes deste campo de estudo.

educação

Por tudo isso e pelo muito que ainda podemos dizer, a multirreferencialidade presente nos estudos e pesquisas no campo do imaginário entram na educação afirmando a complexidade da vida, dos processos educativos e formativos. O projeto educativo que privilegiou a razão, desprestigiando a dimensão imaginativa e da sensibilidade, como bem disse Teixeira Coelho (1994), privilegiou a construção da casa pelo telhado. Fomos mostrando, nestes últimos anos, que as múltiplas dimensões da nossa existência precisam ser acolhidas nos processos educativos e formativos, pois tratamos dos sentidos, dos significados, dos matriciamentos que coordenam nossas escolhas e ações no mundo.

Grupos formam se formando, formam produzindo conhecimentos e trocando saberes agregando outros dispositivos, outras ferramentas teóricas para uma aproximação dos imaginários dos diferentes sujeitos e espaços com os quais nos envolvemos.

Abrindo o Dossiê, Marta Souto é autora do artigo **Imaginário grupal y formaciones grupales en torno al saber**. Neste texto a autora discorre acerca do imaginário grupal como o conceito central do artigo. Para captar seus sentidos mapeam-se significados atribuídos ao termo. O imaginário no campo pedagógico será pensado como o desdobramento de cenas do grupal, de “outras cenas”.

Valeska Fortes de Oliveira e Lúcia Maria Vaz Peres são autoras de **Dois grupos de pesquisa... falas convergentes... imaginários que se aproximam**. O texto, produzido a quatro mãos, materializou um desejo através da escrita, de explicitar duas trajetórias que se encontram no território do simbólico, nos caminhos do imaginário, mostrando inscrições teóricas de dois grupos de estudos, pesquisas e formação, o GEPEIS e o GEPIEM, no espaço da educação.

A educação impossível é de autoria de Lílian do Valle. A autora discute por que interessaria à educação um conceito tão ambíguo como é o de imaginário, que muitas vezes mal se distingue de seu misterioso correlato – a imaginação. Na obra de Cornelius Castoriadis, o imaginário ganha a acepção de poder radical de criação da sociedade.

Margaréte May Berkenbrock-Rosito apresenta **Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação**. O texto apresenta a atividade Colcha de Retalhos para falar de vida, formação e autoformação e o lugar e a importância da educação estética e bioética na formação dos professores. O estudo aponta para pedagogia imaginal como uma aquisição de saber pela experiência imaginativa para pensar a formação estética no campo das imagens e o lugar das metáforas nas autobiografias como fruição do imaginário.

Yoga, imaginário e teorias espiritualistas da educação: um estudo de caso é o artigo de Denise Gelain e Graciela Rene Ormezzano. O artigo trata de uma pesquisa qualitativa, com base nas teorias espiritualistas e do imaginário, tendo como objetivo investigar o significado da prática do *yoga* com seis educadoras da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de uma cidade do noroeste do Rio Grande do Sul.

Iduina Mont´Alverne Chaves é autora de **Imaginário e Literatura Infantil – imagens e simbolismos**. O texto apresenta uma retrospectiva histórica da Literatura no Brasil com destaques para o imaginário evocado a partir dos textos literários produzidos desde o século XV. Ao longo do artigo a autora mostra que o texto literário deve ser visto como um encontro entre o leitor e os personagens, que possibilita interpretações e desdobramentos de idéias e sentimentos.

Valdo Barcelos encerra o Dossiê com o artigo **Literatura, intercultura e formação docente – um *entre-lugar* a ser visitado**. Neste ensaio, o autor traz para reflexão algumas questões referentes à literatura como um território de formação docente, vendo a literatura não apenas como técnica, mas como um território de produção de conhecimento e a leitura como um *entre-lugar* de trocas interculturais.

Abrindo a sessão de Demanda Contínua, Cynthia Farina e Roselaine Albernaz apresentam **Favorecer-se outro. Corpo e filosofia em *Contato Improvisação***. Neste artigo são discutidas questões importantes tais como: como escrever um processo coletivo de formação de professores com experiências estéticas e conceituais que investiga suas próprias formas de expressão? E de maneira mais ampla, como produzir um conhecimento em educação que se experimenta corporal e coletivamente? As autoras acolhem a dimensão filosófica que ativa esta dança e a dimensão sensorial que vive nas filosofias da diferença.

Paulo Evaldo Fensterseifer é o autor de **Ética e educação: reflexões acerca da docência**. O autor tematiza os vínculos entre o campo da ética e da educação, em especial no que tange ao exercício da docência. A posição assumida implica a necessidade de decisões diante de novas configurações da contemporaneidade, levando o campo educacional a assumir destacada relevância, desde que permita o exercício da crítica nos limites do caráter republicano da escola.

John Dewey e a educação como “reconstrução da experiência”: um possível diálogo com a educação contemporânea tem autoria de Dariane Carlesso e Elisete Medianeira Tomazetti. O texto visa conhecer e discutir alguns aspectos do conceito de experiência na expressão “educação como construção e reconstrução de experiência”, presente na obra de John Dewey. Ao comparar a concepção deweyana de educação e o que hoje se apresenta na escola como elemento caracterizador da experiência, concluem que ainda estamos assentados em uma educação basicamente tradicional que, embora se diga fomentadora de experiências no espaço da escola, reduz esta compreensão ao “ir lá e fazer”.

Ercília Maria de Moura Garcia Luiz e Amarildo Luiz Trevisan são autores do artigo **Entre o ecoísmo-narcisismo e a figura da linguagem docente**. O artigo consiste numa reflexão hermenêutica sobre a imagem docente perante o mundo racionalista, tendo como ponto de partida dois estudos críticos de Theodor W. Adorno: *Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar* e *A filosofia e os professores*. Os autores investigam o modo acerca de como a figura da linguagem de Eco e Narciso pode auxiliar na compreensão pedagógica docente. Acionam a premissa de que a comunicação efetiva na relação pedagógica deve transcender

educação

a metamorfoses de linguagens patológicas tais como as de Narciso e Eco, bem como à superação das mesmas nas tessituras hermenêuticas. Por fim, situam a razão comunicativa de Jürgen Habermas como um outro horizonte à relação pedagógica em dias contemporâneos.

Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação? é de autoria de Rogério Christofolletti. O cinema é amplamente usado em sala de aula e em situações de ensino e aprendizagem em diferentes níveis de ensino. Entretanto, pouco se sabe sobre seu uso por parte dos professores. De que forma vídeos e filmes funcionam como suportes pedagógicos? O texto apresenta uma pesquisa com 55 docentes de 11 cursos de uma instituição de ensino superior, abordando dimensões como as da rotina do uso do cinema em sala de aula, a natureza desse recurso pedagógico e a capacitação docente para essa utilização.

Anderson Araújo-Oliveira é o autor de **Desafios e obstáculos da pesquisa em educação para a transformação das práticas pedagógicas**. O artigo propõe uma reflexão em torno das contribuições e dos limites das pesquisas científicas no campo das ciências da educação, sobretudo aquelas que se referem às práticas pedagógicas para a construção de um Referencial de Formação Profissional que possa servir tanto à formação docente (inicial e continuada) quanto à transformação das próprias práticas. Se o artigo não dá respostas definitivas às perguntas, permite levantar certas pistas, possibilitando alimentar as reflexões de pesquisadores e formadores de diferentes países nas quais a análise das práticas representa um desafio essencial para a concretização dessas reformas educacionais.

A revista encerra com a resenha da obra **Hélène Védrine. Les grandes conceptions de l'imaginaire. De Platon à Sartre et Lacan. Paris: LGF, 1990**, de autoria de Giovane do Nascimento.

Esperamos que nossos leitores tenham uma ótima leitura. Desde já, convidamos a todos para que em 2010 festejemos os 40 anos desse periódico que, ao longo de sua trajetória, tem contribuído para a divulgação e a circulação do conhecimento em educação.

Profa. Dra. Valeska Fortes de Oliveira
Organizadora do Dossiê Imaginário Social e Educação

Profa. Dra. Cláudia Ribeiro Bellochio
Presidente do Conselho Editorial e Editora da Revista Educação

Referências

CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da aventura humana. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

COELHO, T. O imaginário e a pedagogia do telhado. **Em Aberto**. Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.